

REVOLUÇÕES - ESPÚRIAS E GENUÍNAS¹²

Hannah Arendt

I.

Esse não é meu título. Normalmente eu hesitaria em distinguir, mas por questões práticas distinções se fazem necessárias, e alguém poderia dizer que um *coup d'état* não é uma revolução, por outro lado a revolução cubana com certeza é uma, apesar de não sabermos seu resultado.

Em contraste com as revoluções, que são um fenômeno relativamente novo, mudanças e até mesmo mudanças violentas são antigas na política. Saber disso é importante porque a maioria delas permaneceu conosco, e como já conhecemos revoluções, sempre corremos o risco de confundir uma com a outra.

Revolução, no sentido moderno da palavra - seguindo o modelo Francês e Americano - implica primeiramente em uma mudança tão radical ao ponto de poder ser vivenciada como um novo começo: *Novus Ordo Saeclorum*. E isso era impossível na antiguidade. Na Grécia antiga porque os conceitos de tempo eram cíclicos, estritamente falando, não existia um começo, sendo assim, as mudanças também eram cíclicas: de uma forma de governo à outra, da monarquia à oligarquia, da oligarquia à democracia, e a democracia voltava a ser monarquia. Haviam mudanças constantes, mas a mudança em si, e mais importante ainda, seu padrão, era sempiterno. Em Roma, ao contrário, tinha-se um forte sentimento de começo bem definido (quase tão forte quanto na antiguidade hebraica, com o mito da criação - No início...), e essa era a fundação de Roma: *ab urbe condita*, era assim que toda a história de Roma começava, mas por causa desse começo sagrado, não era possível um segundo começo: se algo desse errado a questão seria de “reformular Roma” e não de “fundar Roma novamente”.

A segunda condição para se chamar algo de revolução é que a mudança seja radical a ponto de modificar todo o tecido governamental e/ou a sociedade - e não simplesmente colocar novas pessoas no governo ou permitir que um segmento da população ascenda à esfera pública. Se a mudança ocorre apenas dentro do grupo dominante e é engendrado dentro do mesmo, temos um golpe palaciano (algo que tivemos no sul do Vietnã) e se vem de outras partes do governo, por exemplo, os militares contra o governo civil, temos aí um *coup d'état*³. O grau de violência pode ser muito maior do que em uma revolução de verdade, mas a mudança que efetua é menor ou, para dar outro exemplo: você conhece ensinamentos medievais e ensinamentos do fim do período medieval sobre o direito à resistência à tirania e mesmo ao tiranicídio - *Policraticus* de John Salisbury no século XII, e *Vindiciae contra tyrannos* no século XVI por um escritor Huguenot e Francisco Suarez, um jesuíta, início do século XVII - Isso poderia facilmente levar a decapitação de um rei,

¹ Tradução de Marcos Antônio da Silva Santos Ferreira. João Batista Farias Júnior.

² N.T: texto apresentado em Chicago em 27/05/1964.

³ Comentário dos tradutores: faz-se importante destacar a ausência de qualquer menção da parte de Hannah Arendt sobre o golpe de estado que instalou uma ditadura civil-militar no Brasil a partir de março/abril de 1964.

nunca levaria a uma revolução, pois em uma revolução o que se clama é: “desejamos nós mesmos governar” e não “nós somos mal governados” – nós – que fomos sempre sujeitos desejamos agora ascender a posição de cidadãos, ou, “nós” que sempre pertencemos ao povo do sujeito, desejamos agora ascender á uma nação - “Admitir dentre os poderes da terra, a posição separada e igual á qual as leis da natureza e o deus da natureza dão direitos”. Na Europa, onde não se tinha opressão estrangeira ou ela tinha um papel mínimo – as colônias americanas provavelmente tinham mais liberdade do rei e do parlamento do que os próprios homens ingleses em seu próprio país – a questão era então: república versus monarquia - E república significa governar pela lei, não pelos homens e a administração dos assuntos (políticos) é feito por todos os cidadãos, isso é “participação”.

II.

O segundo conjunto de distinções: para se mudar o tecido político ou social, tem-se revoluções políticas e sociais. Normalmente preferiria reservar o termo revolução para mudanças políticas – a fundação de uma nova estrutura política, mas para nosso objetivo hoje (tendo apenas uma hora), não vou me aprofundar nisso, vou me deter em falar de revolução social. Temos conhecimento de rebeliões sociais durante toda a história, de povos oprimidos a segmentos da população, no entanto essas rebeliões objetivaram somente reformar ou, mais frequentemente, uma população escravizada desejava ocupar a posição da classe dominante, como diríamos hoje (por exemplo a ascensão Espartana em Roma). A primeira noção de que uma revolução era possível veio da excepcional prosperidade do novo mundo e sua “adorável igualdade”, nominalmente a abolição do estado de escravidão e das condições de pobreza. Durante as agitações sociais na revolução francesa já tinham percebido a ideia de que talvez a miséria e a pobreza pudessem ser abolidas conjuntamente – e não realizarem meramente uma troca. Mais tarde, a sociedade sem classes de Marx concebia não uma sociedade onde os trabalhadores passariam a explorar os antigos exploradores, mas ao contrário, não se teria exploração, logo, todo o tecido da sociedade seria alterado. É decisivo que a abolição da exploração do homem com o homem (como a antiga abolição do reino do homem sobre homens) seja alcançada somente quando a industrialização tiver chegado ao ponto de abundância - algo que Marx acreditou ser inerente a produção capitalista (daí sua grande admiração!) e a qual foi alcançada graças ao progresso técnico, distinguindo-se do mero desenvolvimento econômico.

III.

Revolução social a partir da revolução francesa, revolução política desde a americana, assim como do início da revolução francesa. A revolução política na América, desimpedida por questões sociais, parcialmente pelo tamanho do continente, e parcialmente pela ausência de classes.

O sistema de classes Europeu que só agora foi mais ou menos abolido é herdeiro direto do feudalismo: o capitalismo, como é entendido na Europa, é industrialização sob condições do sistema feudal, os estados feudais se tornaram então em classes.

Contudo, na América também há uma questão social, escondida em uma “instituição peculiar”, a instituição da escravidão. Podemos perceber o quão difícil é mudar uma estrutura de classe quando se considera que a condição dos negros resistiu não todas, mas a muitas mudanças: os imigrantes podem ser assimilados⁴, mas os restos daquilo que poder-se-ia chamar de a qualidade feudal específica da América permaneceram no mesmo lugar - no fundo da sociedade. Ainda mais impressionante nesse país de extrema mobilidade, além da enorme quantidade de emoções, certamente fortalecidas por causa das questões raciais. Essa é a questão social em sua pior e mais perigosa forma, mas mesmo assim continua sendo uma questão social.

Tem-se agitação social na luta dos negros, mas é ela uma revolução? Não existe nela o objetivo de se mudar o tecido social como ele se encontra, apenas ser admitido nele, pois a posição dos negros hoje está em contradição com a fundação na qual a sociedade e a política se sustentam, logo, não é necessário mudar, apenas remover a inerente contradição. Vemos um aspecto revolucionário apenas na luta contra leis e regulamentos do estado que sejam abertamente discriminatórias - e nessa luta política o governo federal esta do lado dos negros.

Mesmo que a luta política seja revolucionária e a social não seja, todos podemos concordar que o lado social é muito mais perigoso, ainda mais em termos de violência.

Um dos motivos para essa violência no âmbito social é claramente indicado por Maquiavel, que diz que você pode de preferência matar o pai de um homem e sair impune, do que ameaçar de tomar sua propriedade. A expropriação começou na Revolução Francesa com o confisco das propriedades de emigrantes e de suspeitos, nunca resolveu o problema da pobreza, apesar de ter momentaneamente promovido a igualdade. Da mesma forma que Maquiavel, Tocqueville estava certo ao afirmar que a maior parte dos homens do lado da revolução desejam mais igualdade que liberdade. Mas onde a igualdade não esteja intimamente ligada à liberdade (no sentido de poder ser livre somente entre seus iguais, ou seja, onde ninguém governa nem é governado) a paixão pela igualdade pode ser verdadeiramente assassina. Essa paixão pela igualdade pode ser inspirada por se acreditar que “eu sou tão bom quanto você” ou pelo amor por liberdade e companhia, sendo companhia à daqueles que são meus iguais, sem superiores ou inferiores, logo sem comparações. Gratos pelo fato de vivermos juntos, fazendo companhia uns aos outros.

IV.⁵

Permitam agora que eu me volte à questão de como as revoluções se desenvolvem. Existem diversos mitos, o mais importante deles seria o de que conspirações levam a revoluções,

⁴ N.T.: Arendt utiliza aqui o verbo *absorbed*, que preferimos traduzir, dado o contexto da questão social da qual a autora fala, por *assimilado*.

⁵ N.A.: Todo governo se sustenta na obediência = Consentimento, história do czar como autocrata.

mas nenhuma conspiração, segredo ou não-segredo nunca levou à uma revolução. Em segundo lugar, quanto mais um povo for oprimido mais provável é que ele se rebelde. Nenhuma revolução foi feita pelos próprios oprimidos, levantar-se em revolta é sinal de que a situação vem se escalando e usualmente de que o povo ou classe de oprimidos desenvolveram uma espécie de classe superior em seu interior, é ainda mais provável que essa classe superior tenha iniciado um movimento de libertação.

Tudo isso é de importância secundária, o mais importante é o colapso da autoridade que precede a revolução, e ele não é resultado dos preparativos para a revolução, pelo contrário, é condição para que haja uma revolução. Onde se tem intacta a lealdade das forças armadas, da polícia e do exército, a revolução não pode ter sucesso, isso não é apenas hoje em dia por causa da natureza das armas, sempre foi assim. Os levantes armados nunca ocorreram a não ser que o exército se juntasse (ou fosse esperada a sua participação) aos rebeldes. É a condição *sine qua non*.

Contudo, nenhuma revolução foi feita pela desintegração da estrutura política, contrariamente, essas estruturas desintegradas - corruptas, sem autoridade e sem a confiança dos cidadãos - podem ter uma incrível longevidade. Também deve-se ter homens que queiram e estejam preparados para assumir as responsabilidades do poder - aguardando a postos. No século XVIII essas pessoas eram os *homme de lettres*. E desde então: revolucionários profissionais, que normalmente não vem de baixo, mas que são impulsionados de baixo depois que a revolução já começou. Sem as pessoas nas cafeterias e grandes bibliotecas em Viena, Zurique e Londres a desintegração e até o caos (China) podem durar muito tempo.

V.

Quem são os revolucionários? Volto então a meu título, irei aqui distinguir entre os genuínos e os espúrios, não que estes sejam modelos ideais, mas antes como resultado de desenvolvimentos históricos. Pode pensá-los como o eram no século 18 e assim eles seriam os pais fundadores, ou você pode pensar neles como normalmente fazemos, nos termos do século XIX, e os vemos sob o ângulo do espectro político, que é em si resultado da revolução Francesa.

O conceito central que domina todo o nosso espectro político, da direita à esquerda é o conceito de progresso: os conservadores são contrários a ele, os liberais apoiam até certo ponto, e os revolucionários acreditam (com Marx) que todo progresso é alcançado pela violência - a velha metáfora do nascimento. As dores do nascimento devem acompanhar o desenvolvimento. Esse progresso é infinito, é um processo infinito que os revolucionários esperam acelerar, e a aceleração é feita com a violência. Falo das ideologias que são tão potentes quanto metáforas. Todas elas nasceram durante a Revolução Francesa, especialmente essa noção de um processo infinitamente em progressão, que surgiu pela necessidade, quando era óbvio que os homens, os bons homens, tinham perdido o controle. Quando a revolução devora seus filhos assim como Saturno, e era como

que um grande rio de lava na superfície do qual os atores nasceram juntos por algum tempo, só para serem sugados pela contracorrente, maior que eles próprios. Revolução permanente.

O outro conceito vem da revolução americana e significa: o revolucionário como fundador é uma espécie de arquiteto que constrói a casa onde as futuras gerações vão residir, a sua posteridade. Essa casa deve estar estável, precisamente porque os que a habitam são fúteis, vem e vão em um processo infinito de sucessão que pode ou não ser ordenado pela lei do progresso. Esses revolucionários, por saberem que era uma *novus ordo saeculorum* eram obviamente conservadores, pois como poderiam não esperar que sua nova obra não fosse preservada? Que esse novo edifício, a nova estrutura política e as novas instituições da liberdade se provem estáveis o suficiente para suportar os ataques do tempo e as mudanças às quais tudo que é mortal está sujeito.

Eu poderia ter feito as mesmas distinções relacionando as distinções entre revoluções políticas e sociais. A esfera do social é por definição a esfera da vida e da mudança, quanto que a esfera política está lá para acomodar essa vida e as mudanças da vida. Na medida em que a liberdade precisa de um espaço para se manifestar e de instituições que a garantam, por assim dizer, vai ser preciso a estabilidade das instituições para se ser livre, ou para colocar de formas menos paradoxal: quanto mais estável for a estrutura política, mais liberdade será possível em seu interior.

O que você experimenta em uma revolução genuína é o começo de algo completamente novo, mas essa experiência é verdadeiramente a experiência da ação e da liberdade. Os dois grande perigos da revolução são que elas ou são permanentemente declaradas, assim perdendo seu objetivo, ou o espírito revolucionário é perdido, isso é, as instituições que foram construídas para possibilitar a ação livre se petrificam, os espaços à liberdade estão desertos e ninguém mais deseja dar início a algo novo, até que finalmente uma nova revolução acontece - talvez - o prédio desintegrado, abandonado pelo espírito que uma vez acomodou é demolido e uma nova estrutura política é fundada.